

sobre tudo

PRO SEU PRÓPRIO BEM

Marcel Luchetti Simão Junior⁶²

Com um forte empurrão, o guarda jogou Adélia no chão sujo de concreto do aposento lotado. As pessoas em volta voltaram a atenção brevemente para a cena violenta, voltando à sua indiferença logo em seguida. Um homem de baixa estatura, meio careca e pele queimada de sol, soltou um grande grito de cima de uma das camas do cômodo:

- Vamo queimar tudo, vamo quebrar tudo! - e pulou para cima do guarda, desferindo fortes murros um em seguida do outro. Rapidamente, três outros guardas chegaram com cassetetes com pequenas tasers nas mãos e, com poucos golpes e choques potentes fizeram o pequeno homem cair de joelhos no concreto. Seguraram seus braços e o arrastaram para fora, enquanto berrava e se sacudia.

Adélia, ainda no chão, levantou a cabeça, tonta. Os gritos do homem agredido já se tornavam baixos e o quarto foi ficando em silêncio. Cambaleando, a moça de cabelos curtos e enrolados ficou de pé, encarada por um círculo de várias faces cansadas e curiosas com a nova integrante do “grupo”. Tirou a poeira da sua

⁶² Graduando em Cinema pela Universidade Federal de Santa Catarina.
Contato: m_jun10r@icloud.com

camiseta azul com umas batidas. No quarto, quase todos usavam o mesmo uniforme: alguns o rasgavam, personalizando-o, e outros nem se importavam em usar a parte de cima da roupa, só usando as calças largas e cinzas, estampadas com números identificatórios.

- Que foi? Perderam o quê?! - a moça esbravejou, e o círculo se dissipou.

Olhou ao redor, muitas camas de molas enferrujadas e colchões encardidos preenchiam o quarto. Uma grande janela, fechada, deixava escapar alguma luz por suas frestas. Do teto, duas lâmpadas fracas se penduravam em fios descascados. Ela andou em direção a uma cama no canto do quarto, colada na parede embolorada. Sentou no colchão fino e meteu a cabeça entre os joelhos, respirando fundo. Levantou com os olhos marejados, se esforçando para segurar qualquer choro.

- Você fuma? - Adélia foi surpreendida pela voz grossa e rouca de uma mulher de meia idade, com olheiras cansadas, que esticava a mão com um cigarro aceso em sua direção.

Adélia tomou o cigarro da mão da mulher sem dizer nada e secou os olhos em sua camiseta.

- Quanto tempo você tem aqui? - perguntou a moça, olhando para baixo, depois de uma tragada.

- Quê?

- Quanto tempo você vai ficar aqui? - questionou em um tom mais alto, olhando nos olhos da mulher.

- O diretor falou 4 anos. Mas ah, eu não vou, não.

- Diretor?

- É. Não conheceu ele ainda não? Aquele careca maldito. É ele que decide tudo, se você vai ser liberado ou vai pra jaula. Se vai apanhar ou comer. Eu devia ter saído 3 meses atrás, mas o filho da puta disse que eu não podia ainda.

Adélia engoliu em seco.

- O que você fez? - perguntou a moça.

- Nada. Me prenderam porque eu era prostituta. Tenho que perder cinco anos da minha vida aqui porque eu dava pra comprar pão.

Adélia tragou de novo, em silêncio. Ao longe, os gritos do homem de baixa estatura que fora agredido voltaram a ser escutados. Gritos pavorosos, arrepiantes, ecoavam pelos aposentos úmidos do local.

- O que... Que que tão fazendo com ele? - indagou a moça.

- Sei lá, acho que é choque. O Moisés é cachorro velho, aguenta. Só não sei por quanto tempo. E você, fez o que? - questionou a mulher, fitando Adélia nos olhos. A moça deu uma última tragada, jogou a ponta do cigarro no chão e começou a falar, num ritmo constante, olhando para um ponto fixo na parede.

- Meus pais que me mandaram. Aqueles miseráveis. Meu pai ameaçou me mandar pra cá um mês atrás, quando me pegou fumando maconha na faculdade. Ele me arreventou - a moça levantou a manga da camiseta e mostrou uma profunda cicatriz em seu ombro esquerdo.

- Em 2018 eu comecei a fazer parte de um grupo político na faculdade. Antes de ontem algum merdinha avisou meu pai. Ficou sabendo que eu ia num protesto no centro e o infeliz foi atrás de mim. Me achou no meio da multidão, me bateu lá mesmo. Drogada e comunista. Ele não tinha criado filha pra ser vagabunda. Hoje de manhã foram me buscar no meu próprio quarto.

A mulher finalmente pareceu desenrijecer sua feição, olhando a jovem moça com certa pena.

- Qual é seu nome? - perguntou.

- Adélia.

- Helena, prazer. Vou te apresentar uma pessoa, acho que você vai gostar de conhecer ele.

A mulher, até então agachada, se levantou e chamou bem alto:

- Ô Fernandes, vem cá!

Um moço forte, de pele morena e cabelo curtinho se levantou de uma cama do outro lado do quarto e se virou para ela.

- Que que cê quer, Helena?

- Eu não, a moça aqui. Vem logo, homem.

- Não, não falei nada - se pronunciou a moça, levantando também.

Fernandes andou na direção das duas, resmungando.

- A Adélia aqui também é “politizada” - Helena colocou forte entonação de deboche nessa última palavra - Estudava também, que nem você. Vou dar licença pra vocês - e saiu daquele canto do quarto, caminhando em direção à sua cama, falando consigo mesma.

Adélia e Fernandes olharam um para o outro. O moço estendeu sua mão e a cumprimentou.

- Ufop também? - perguntou o homem.

- Aham.

- Fazia parte do MED?

- Como você sabe?

- Tem umas dez pessoas aqui que eram de lá também. Sou um deles. Fazia vídeo. Dos protestos, das reuniões, de tudo.

- É Fernandes mesmo? Acho que já ouvi seu nome lá dentro. Por que te prenderam?

- Me pegaram num protesto. Faz um pouco mais de um mês. Vim pra cá por vadiagem.

Adélia balançou a cabeça. Pensou um pouco, levando as unhas à boca.

- Você deve se sentir um lixo, né? - disse a moça.

- Como assim?

- Você fazia vídeo. Mostrava toda a podridão que acontecia naquela faculdade. E aqui nesse inferno não pode mostrar pra ninguém o quão fudido é o que eles fazem aqui.

Fernandes desviou o olhar.

- É, é foda. É triste, pra falar a verdade. Mas acho que não tá tudo perdido ainda. Vem cá, posso te falar depois. Não sei quem pode tá escutando nesse quarto.

Era um dia nublado. Os guardas usavam casacos por cima do uniforme para se protegerem do vento frio. Um alarme alto foi ouvido e em poucos minutos o pátio dentro do edifício antigo ficou repleto de pessoas, todos com o mesmo uniforme azul que Adélia vestia. A moça caminhava devagar, observando o que acontecia em sua volta. Deitados no chão do pátio, algumas pessoas dormiam ali ao seu lado. O som do ambiente era pontuado por risos, gemidos e gritos. Um grupo de mulheres conversava animadamente, encostadas numa parede descascada. Um jovem moço jazia estirado no chão, falando palavras sem nexos consigo mesmo.

- Nem todo mundo aguenta - Fernandes chegou pelas costas de Adélia, assustando-a.

- Bastante gente fica assim - continuou o moço, apontando para o jovem deitado no chão - Alguns piores. Esses dias um conhecido meu apanhou tanto que decidiu parar de andar. Ele ficava o dia todo em pé, parado num canto do quarto. Cagava e mijava nas pernas. Sumiram com ele faz uma semana.

- Você já apanhou? - perguntou a moça, após alguns instantes de caminhar silencioso.

- Uma vez. Enfiaram minha cabeça num balde de água gelada por várias horas. Os filhos da puta falaram na minha cara que é tudo pro meu próprio bem.

Em um canto do pátio, uma mulher começou a gritar de maneira descontrolada. Em segundos, dois guardas chegaram com cassetetes elétricos na mão e começaram a eletrocutá-la. O pátio ficou em silêncio, só seus gemidos podiam ser ouvidos. A mulher desmaiou e foi arrastada para um corredor.

Adélia observou paralisada. Fernandes, ao seu lado, abaixou a cabeça. Ela engoliu em seco e olhou para o homem.

- Eu não devia tá aqui. Você não devia tá aqui. Ninguém devia! Todo dia é isso, ninguém faz nada?!

- Shh, fala baixo!

- Fala baixo é o caralho! E você, não vai... Ai! - Fernandes interrompeu o discurso exaltado dela com um pisão em seu pé, apontando com a cabeça para um guarda, que rondava pelo pátio.

- Cala a boca, Adélia. Eu sei que você quer fazer algo, eu também quero. O que acontece aqui é desumano, é um massacre. Mas não dá pra você fazer nada em uma cadeira de rodas. Vem comigo, acho que você devia conhecer uns amigos.

Os dois atravessaram o pátio em direção a um corredor. Dentro de um saguão escuro, de piso de madeira estufado e paredes brancas, com tijolos faltantes, algumas pessoas conversavam sentadas e deitadas no chão. Fernandes cumprimentou uma jovem moça, que aparentava ter a idade de Adélia, um senhor de barba grisalha, cabelo ralo e uma protuberante barriga, um homem de meia idade com um rosto extremamente enrugado e Helena, a mulher da cela.. Os dois últimos então voltaram a jogar uma espécie de dama, com pedrinhas e um tabuleiro riscado no chão. A mulher comeu as últimas pedrinhas de seu amigo, rindo e debochando:

- Cê é ruim demais da conta, Alberto.

A jovem moça e o senhor voltaram à discussão que havia sido interrompida por Fernandes.

- Claro que não, Zé. Como que a gente é humano sem outra pessoa? A gente não é selvagem porque a gente vive numa sociedade.

- Uai, cê chama isso aqui de sociedade? Quanto mais gente mais problema. Por isso política não dá certo, Regina. Por que o homem é ruim. É ruim. E quanto mais homem, mais ruindade - respondeu o senhor, enquanto amontoava uma pequena pilha de pedaços de tijolo.

- Ô! Cumprimentem a moça aqui também - Fernandes chamou a atenção do grupo. Adélia balançou a cabeça, de maneira tímida.

- Tá louco, você vai enfiar qualquer pessoa aqui? - questionou o homem sentado em frente ao tabuleiro.

- Presta atenção, Alberto. Ela vai somar com a gente.

Os quatro observavam atentamente a moça.

- Chegou hoje, moça? - perguntou Regina, a outra jovem.

- Faz um tempinho.

- Aproveita até você ficar maluca. Não vai demorar - comentou Alberto, sentado ainda diante do tabuleiro.

- Adélia também estudava na... - Fernandes começou, mas foi interrompido pela própria.

- UFOP. Fazia parte do MED. Fernandes comentou que vocês também estavam envolvidos com movimentos.

- Há muitos anos atrás - disse Zé, o senhor.

- E disse também que vocês - Adélia continuou, agora sussurrando - querem fazer algo pra acabar com isso aqui.

Todos assentiram com a cabeça.

- E vocês tem ideia do quê?

- Motim, filha, é o único jeito. Se a gente der o estopim, todo mundo vai sair com sangue nas mãos. Não parece, mas tá todo mundo revoltado, - começou Zé - e só assim a gente vai conseguir algum tipo de atenção lá de fora pra tudo isso.

Adélia olhou para os lados, ninguém nas extremidades do corredor. Chegou mais perto. Todos se sentaram, formando um pequeno círculo.

- Mas e os guardas, eles não andam armados?

- Só com aqueles cassetetes. As armas de fogo ficam em uma salinha, eles demoram pra chegar lá. E a gente não tem medo não - continuou Regina.

- Não é mais fácil alguém tentar avisar algum parente, tentar passar uma câmera ou um celular aqui pra dentro, algo menos violento, sei lá?

- Tá doida? Se te pegarem com qualquer coisa te matam, no choque. E que parente vai acreditar em gente como a gente? - disse Zé, elevando o tom da voz.

- Menos violento, - Alberto balançou a cabeça, em desaprovação - fala isso pra qualquer funcionário, vê se eles te escutam. Isso aqui não é sua faculdade não.

Adélia olhou para baixo e franziu a sobancelha, pensativa.

- Isso não sai daqui, moça, pelo amor de Deus - alarmou-se Zé.

- Não, não sai não, juro. Eu quero ajudar.

Em uma pequena roda no meio do pátio, Alberto puxou uma música, sendo acompanhado por várias outras pessoas, que sentados e batendo palma, entoavam a canção alegre. Uma mulher se levantou e se dirigiu para o meio da roda, dançando de maneira desengonçada, seguida depois por um homem. O sol ardia forte no céu. Os guardas se movimentavam de um lado para o outro, orbitando o pátio. Conversavam e apontavam, as mãos apertando firmemente seus cassetetes.

Encostados em uma parede, lado a lado, estavam Adélia, com um cigarro aceso na boca, Helena e Fernandes, que levava

um objeto pesado escondido na camisa. Atravessando o pátio, na parede oposta, estavam Helena e Zé. Os cinco não trocavam uma palavra e um olhar entre si, só observavam a roda de música no centro.

Helena se desencostou da parede e começou a caminhar em direção à roda. Chegou ao lado do círculo. Lançou um olhar para Fernandes, e subitamente começou a gritar. A música cessou, as atenções se voltaram para a mulher. Algumas das pessoas, que antes cantavam, começaram a se agitar, e algumas até a gritar com a mulher. Enquanto isso, Adélia, Fernandes e Regina começaram a andar em direção ao centro. Dois guardas correram em direção a Helena, com os cassetes já soltando faíscas. A poucos segundos de ela ser espancada, Fernandes também começou a gritar mais alto que qualquer pessoa do pátio. Os guardas hesitaram, indecisos, e mudaram o rumo na direção do homem. Começaram a se aproximar dele, mas foram interrompidos pelos altíssimos gritos de Regina, em outro canto do pátio. Confusos, os funcionários se olharam, como se buscando uma resposta no olhar do outro. Um deles pegou um rádio e o levou até a boca. Fernandes então tirou um pedaço de tijolo da camisa e, voando para cima do guarda, acertou-o com uma só pancada na cabeça, nocauteando-o no mesmo instante. As pessoas da pequena roda de música se agitaram mais ainda, algumas corriam pelo pátio. Adélia correu em direção ao outro guarda, virado para Fernandes, e com um forte chute na lateral do tórax o derrubou.

Mais guardas chegaram no pátio. O movimento tornou-se caótico. A violência se propagou, e em poucos segundos o lugar outrora silencioso tornou-se um verdadeiro cenário de guerra. Correria para todos os lados. Os ruídos elétricos dos cassetes e os baques surdos dos socos dividiam o ruído com os gritos de fúria e de dor, vindos de todos os lados. Os guardas rapidamente pareceram-se poucos perto dos revoltosos, agora em

esmagadora maioria. Alguns poucos ficavam deitados no chão, em posição fetal, em pânico com a situação. Com tijoladas e socos, os cassetetes caíram aos poucos. Gotas de sangue eram borrifadas no chão a cada golpe. De repente, um som de um tiro ecoou pelo ar.

A correria se acentuou. Gritos apavorados se misturaram a mais dois disparos. Adélia não conseguia enxergar nada. Um empurrão lançou-a de cara no chão. Pés passavam por sua frente, quase pisoteando seu corpo. Um deles atingiu sua perna, e a moça sentiu uma dor excruciante. O movimento diminuiu o suficiente para que ela conseguisse ver, no meio do pátio, um homem e uma enorme poça de sangue, que encharcava seu uniforme. Apertou os olhos para ver quem era. Fernandes. A moça se levantou, gemendo de dor, e se pôs a mancar em direção ao amigo. Olhou para os lados, não conseguia encontrar mais ninguém que conhecia. Olhou para trás, e só teve tempo de ver um cassetete vindo em direção a seu rosto.

Adélia abriu os olhos. Tentou levantar as mãos em direção à cabeça, que latejava, mas não conseguiu: seus braços estavam presos por amarras nos braços de uma cadeira, assim como seus pés. Se sacudiu, mas seu esforço foi inútil. Olhou ao redor. Estava numa sala forrada por azulejos brancos, do chão ao teto. Havia uma mesa médica encostada em uma parede. Tentou de novo se soltar, mas as amarras apertaram seu braço a ponto de fazerem escapar algumas gotas de sangue. Ela escutou o som de uma porta se abrindo vindo de suas costas, batendo logo em seguida. Passos vieram em sua direção, lentamente. Adélia sentiu uma mão em seu ombro, que desceu escorregando por suas costas, vulneráveis e expostas. A moça tentava resistir, mas não conseguia nem olhar para trás para ver quem a tocava. O dono da

mão então deu a volta, e ficou face a face com ela. Era um homem careca, que vestia um jaleco branco.

- Pode entrar - disse o homem.

Um outro homem entrou carregando uma pequena caixa metálica, de onde se penduravam dois fios elétricos com pequenas garras em suas extremidades. Colocou o dispositivo aos pés do homem de jaleco.

- Você precisa confiar em mim. Isso vai ser para o seu próprio bem – disse o médico, com uma voz extremamente calma.

Os gritos de Adélia ecoaram por todo o prédio. Do lado de fora, as luzes frias dos postes iluminavam uma placa na frente do grande edifício de estilo colonial: Manicômio São Miguel da Campina.

